

“AS SETE PARTIDAS” NO MAPA DO MUNDO: uma leitura da espacialidade em *O Senhor Ventura*

Alessandro Barnabé Ferreira SANTOS¹

RESUMO: Data de 1943 a primeira publicação de *O Senhor Ventura*, novela que marca a vida literária do português Miguel Torga. Estruturada em três partes, que chegam ao leitor através de um narrador em primeira pessoa, a narrativa nos dá a conhecer a vida de aventuras do Senhor Ventura por entre o mosaico de espaços e lugares em que aportará. Senhor Ventura toma para si uma vida marcada pela experiência do degredo, que se manifesta em sua relação com Penedono (Portugal), seu *lar* por excelência. Dito isto, este trabalho objetiva tecer uma análise da espacialidade, – sob o viés do exílio, elemento fundamental para a relação sujeito-espaço que se imprime na obra – à luz da Geografia Humanista-Cultural.

Palavras-chave: Espaço. Exílio. Percepção da paisagem.

1 INTRODUÇÃO

O Senhor Ventura exprime certa representação das relações de afetividade/filia que o ser humano pode manter por um lugar natal. Toda a paisagem do Penedono é permeada por uma nostalgia característica que resulta da íntima experiência do sujeito que ali nasceu e viveu por duas décadas, Senhor Ventura, com a terra alentejana: “Os vinte anos ali vividos eram muito, mas não eram tudo.” (TORGA, 2006, p. 25). No espírito de Senhor Ventura, o glorioso anti-herói da narrativa, é urgente a “pressa de partir” e, nesse ímpeto, segue para Lisboa, seu primeiro destino. De lá, algum tempo depois, parte para Macau e, daí, para o mundo.

¹ Graduando em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Maranhão e bolsista de Iniciação Científica do CNPq, com o projeto de pesquisa: *A experiência do exílio na literatura contemporânea de língua portuguesa: a perspectiva do sujeito no espaço e na memória*, do qual este artigo resulta, orientado pela Professora Márcia Manir Miguel Feitosa, Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. E-mail: alessandrobf@gmail.com

As aventuras que marcam a vida do cidadão alentejano são narradas por um sujeito onisciente, um narrador que tudo sabe das vontades e pensamentos mais íntimos daquele cuja história nos narra, marcada pela experiência do exílio, que, no fio narrativo, manifesta-se de modo bastante peculiar: o Senhor Ventura, como que numa doutrinação, será sempre compelido a buscar novas aventuras, em terras para além das “[...] searas espessas de trigo a ondular, sobreirais pardos de tristeza e pousios de esteva florida, babada de mel e mormaço.” (TORGA, 2006, p. 25); para além, portanto, de seu lar.

Miguel Torga, nesta novela, – cuja primeira publicação data de 1943 e, anos mais tarde, é refundida pelo próprio autor, que lhe acrescentaria um prefácio – constrói um personagem ambivalente, em que pesem suas atitudes e orientação moral: o Senhor Ventura não é, essencialmente, alguém dotado de pura bondade, muito menos de inescrupulosa maldade; ele erra por entre essas antagônicas condutas morais, o que faz de si uma autêntica representação humana. O personagem, que dá título à obra, está destinado à ventura, cujos reflexos ecoam por toda a narrativa.

Dessa maneira, a teoria da percepção da paisagem, torna-se um alicerce fulcral para este estudo, uma vez que nos ajuda a melhor entender os modos pelos quais os sujeitos, via experiência, percebem e se relacionam com os espaços/lugares aos quais estão relacionados: cada novo lugar a que o Senhor Ventura aporta é mais que um mero cenário de onde emergirá a ação do fluxo narrativo; é o espaço próprio que se funde à sua experiência e molda sua visão de mundo. É, portanto, a partir do resgate da experiência e percepção vivida do sujeito alentejano, levando em conta, a perspectiva do exílio, discutida criticamente por Said (2008), que tecemos esta leitura da obra torguiana.

2 PARA ALÉM DO ALENTEJO, ALÉM DO LUGAR-NATAL

O Senhor Ventura não é a obra de um estreante. Torga, à data da primeira publicação de sua novela, 1943, era já um escritor de vida literária por demais produtiva. A edição que nos chega é fruto de uma reedição da obra, empreendida por

seu próprio autor, que, tal qual consta de seu novo prefácio²: “[...] limpei-o das principais impurezas, dei um jeito aos comportamentos mais desacertados, tentei, enfim, torná-lo legível.” (TORGA, 2006, p. 19). A novela, composta de três partes que narram a vida e aventuras do Senhor Ventura, inicia-se pela confissão de seu narrador, que, de antemão, conta o que há de suceder:

Em tardes assim como as de hoje, cansado de esperar não sei por que milagre, desanimado diante do mapa do mundo que da parede me desafia desde a meninice, começo a pensar no Senhor Ventura. Na sua evocação mitigo durante algumas horas a dor que vai dando cabo de mim. (TORGA, 2006, p. 23)

O mapa do mundo, representação de uma realidade geográfica, evoca em nosso narrador uma vontade íntima – e, simultaneamente, *coletiva* – de buscar a *ventura*, a vontade que levava o próprio Senhor Ventura a percorrer “[...] as sete partidas que chamam em vão por cada um de nós.” (TORGA, 2006, p. 23), seu errático destino, pois. E os desejos daquela voz onisciente, o narrador, somente são acalmados quando pensa em seu/nosso anti-herói,

Na sua figura ponho a realidade do que sou e a saudade do que podia ser. Entrelaço no desenho do seu nome quanto a imaginação me pede de distância e de perigo. Vivo nele. E, enquanto dura a memória dos seus passos, sinto-me tão verdadeiro que quase sou feliz. (TORGA, 2006, p. 23)

Imerso em sua quase-felicidade, um verdadeiro sustentáculo, nosso narrador dá início a narrativa das andanças e partidas do Senhor Ventura, para quem o Penedono é lugar natal, e todo o espaço geográfico que compreende o Alentejo, região de sua cidade, compõe a paisagem que imprime na visão de mundo do aventureiro

² Miguel Torga, quando da refundição de *O Senhor Ventura*, edição esta que é a utilizada para este trabalho, acrescenta-lhe um prefácio em que alerta o leitor para as alterações que fizera na novela, a fim de torná-la “legível” – posto que a primeira edição é fruto de sua juventude, “[...] na idade em que os atrevimentos são argumentos [...]” (TORGA, 2006, p. 19). Legível, portanto, “Por ele e por mim. Por ele, porque apesar de tudo, conta uma história portuguesmente verossímil, dado que somos andarilhos do mundo, capazes em todo lado do melhor e do pior; por mim, porque nenhum autor gosta de deixar no espólio criações repudiadas.” (TORGA, 2006, p. 19)

alentejano “uma funda nostalgia”, acentuada, sobretudo, no momento de sua partida para Lisboa, a fim de cumprir o serviço militar.

Lisboa, nova cidade, outra paisagem; demasiadamente urbana, em contraste com aquela de Penedono, impressa no íntimo deste alentejano. Decerto, “A chegada a Lisboa foi um deslumbramento frio. O Senhor Ventura [...] parecia uma objectiva inquieta a recolher imagens.” (TORGA, 2006, p. 27). A capital do país não é o verdadeiro lugar do de Penedono, uma vez que lá é o espaço onde ele será obrigado a prestar serviço militar, uma experiência incômoda e para a qual sua vocação é inexistente. Chegar a Lisboa representa, portanto, para o sujeito narrado, uma primeira experiência migratória, dada a ruptura que se verifica entre o seu ser e sua terra natal, seu lugar de pertencimento.

As aventuras do alentejano são de início as aventuras de um ser migrante, uma espécie de exilado, acerca do quê nos escreve Edward Said, em seu *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*: “Os emigrados gozam de uma situação ambígua. Do ponto de vista técnico, trata-se de alguém que emigra para um outro país. [...] há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar.” (SAID, 2008, p. 54). Muito embora a prestação de serviço militar fosse uma obrigação, a permanência nele não o é, e a volta para casa representa sempre uma possibilidade que não se verifica, contudo, nas atitudes do Senhor Ventura. Não de início, ao menos.

O estado do ser migrante nos fica demonstrado quando do momento em que o Senhor Ventura recebe ordens de transferência para Macau, colônia do governo português por longos séculos e cuja reintegração à nação chinesa somente se dá em 1999. Esse novo espaço exerce uma influência sedutora na vida de Senhor Ventura, afinal, é nesta terra que o venturoso alentejano passa a ter a profunda certeza de “[...] que já não era homem para adormecer ao toque duma corneta.” (TORGA, 2006, p. 33). As células de seu corpo pediam-lhe uma mudança urgente, pediam-lhe uma liberdade qual ele não fora capaz de encontrar naquela Lisboa de seus vinte anos e sobre a qual pousara um deslumbramento frio:

Agora partia-se de todo a mola que Lisboa havia estalado nele. [...] Uma manhã, porém, aportaram a Macau. E o Senhor Ventura viu de repente toda a nebulosa da viagem aberta num sol transparente. Era a liberdade inteira, a

entrega do instinto e dos sentidos aos caminhos da aventura, o que todo aquele desassossego queria dizer. (TORGA, 2006, p. 33)

Lisboa fora para o Senhor Ventura o espaço de suas primeiras experiências longe de seu Penedono. De Lisboa a Macau emerge a necessidade e ânsia pela liberdade. A colônia portuguesa transforma-se, para o cidadão alentejano, em um espaço de liberdade que abriga os sonhos e as venturas do indivíduo e permite ao seu ser sonhar com as aventuras que o mundo o reservava. Com efeito, assim reflete o geógrafo humanista-cultural Yi-Fu Tuan acerca da relação homem-espaço:

O espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida à ação. [...] Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. (TUAN, 1983, p. 61)

Liberdade, pois. Este é o valor mais importante com o qual o cidadão alentejano identifica suas experiências na colônia portuguesa e o próprio espaço. Desta forma, trata-se de uma realidade geográfica que suscita o sentimento de *espaciosidade*, associado intimamente, no plano da experiência humana, à noção de liberdade, acerca do quê Tuan novamente refletirá com clara lucidez:

Espaciosidade está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço; significa ter poder e espaço suficientes em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significado. O fundamental é a capacidade para transcender a condição presente, e a forma mais simples em que esta transcendência se manifesta é o poder básico de locomover-se. (TUAN, 1983, p. 59)

Certa liberdade que foi impulsionada quando se envolvera com a filha do secretário do governador, Júlia; caso passageiro, mas que tal alvoroço na cidade causou

de modo a fortalecer a decisão, há muito já tomada, de abandonar o serviço militar e continuar respondendo às “[...] sete partidas que chamam em vão por cada um de nós.” (TORGA, 2006, p. 23).

3 DOS MARES DA CHINA À MONGÓLIA

O Senhor Ventura é agora um desertor das forças militares e, “Quinze dias depois [...] era marinheiro a bordo dum navio que fazia cabotagem no mar da China.” (TORGA, 2006, p. 39). O mar é, então, o terceiro destino ao qual este cidadão português se lançará, a fim de encontrar a liberdade e a aventura que tanto o chamavam a percorrer as sete partidas do mapa do mundo. É essencialmente um espaço aberto, “dado pela capacidade de mover-se” (TUAN, 1983, p. 14). Há, entretanto, uma relação dialógica entre as categorias aberto e fechado, marcada essencialmente pela experiência íntima com que nos movemos em direção aos espaços e lugares diversos que nos envolvem. Tuan é muito preciso em sua análise da percepção humana acerca destas categorias espaciais, de onde:

“Aberto” e “fechado” são categorias espaciais significativas a muitas pessoas. [...] espaços abertos e fechados também podem estimular sentimentos topofílicos. O espaço aberto significa liberdade, a promessa de aventura, luz, o domínio público, a beleza formal e imutável [...]. (TUAN, 1980, p. 31)

O mar, contudo, para além de carregar em sua totalidade a essência típica da liberdade, tributada aos espaços abertos, é percebido enquanto lugar de acolhimento³, na medida mesma em que faz emergir da mais primitiva memória de Senhor Ventura a

³ Tuan, em sua obra clássica *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (1983), assinala categoricamente para as relações que se desenvolvem, no plano da experiência humana, entre espaço e lugar. Com efeito, “Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. ‘Espaço’ é mais abstrato que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 06) Valor que é e deve ser essencialmente positivo.

imagem onírica, profundamente transpassada por nostalgia, da grandeza de seu Alentejo, do lar que já não vira a tempo suficiente para que suscitasse em seu espírito a saudade de casa; além, uma saudade tipicamente portuguesa, eco em toda a tradição literária portuguesa.

O Senhor Ventura sentia-se bem entre os novos companheiros, calados, a meditar nunca se sabia que oração ou que crime. No convés, junto deles, o coração batia-lhe a paz. A paz do herói no início da batalha procurada. Acrescia que aquele mar tórrido, tendo o perigo, tinha também qualquer coisa da grandeza calma do seu Alentejo, que de vez em quando, sem sonhos, o visitava discretamente. (TORGA, 2006, p. 39)

Há, portanto, no plano de desenvolvimento da narrativa, a constatação do caráter ambivalente do mar, que é, simultaneamente, tempestade e calmaria, a própria aventura e a paisagem irradiante do Alentejo, que inevitavelmente marca a visão de Senhor Ventura. O mar é componente do espaço aquático, categoria sobre a qual reflete o pensador Eric Dardel, em sua obra pioneira para os estudos que se desenvolvem a partir da ligação Geografia-Fenomenologia, da qual a ciência geográfica de orientação humanista-cultural, inclusive, lhe é tributária:

O mar é uma força envolvente, *ambiência* em seu sentido mais apropriado; ele é um *elemento*. A tempestade revela brutalmente seu desejo de tragar. [...] Contra o homem, acima do homem, força hostil e superior, o mar em fúria faz às vezes pensar que uma potência sem alma surge das entranhas do mundo. [...] Habitualmente, o mar mostra um “humor” mais pacífico. [...] Com mais frequência o espaço em movimento das águas se apresenta como um espaço portador. (DARDEL, 2011, p. 21)

E “[...] porque o mar, ao cabo de cinco anos, já não o seduzira mais, resolveu voltar a terra.” (TORGA, 2006, p. 41). Escolhera, então, Pequim, a capital do império chinês e lá conhecerá o Pereira, um patricio seu e que, assim como o alentejano, era também um desertor: dois espíritos que se identificam por dividirem a mesma pátria e por terem, com diferenças pontuais, prosseguido em um destino errático semelhante. Os dois montam um restaurante tipicamente português na cidade chinesa, dadas as capacidades culinárias do senhor Pereira. Seguem, contudo, uma série de peripécias que

encerram no fechamento do restaurante e, para além, na ida para Mongólia, afinal, do Senhor Ventura “[...] o peito já lhe pedia outro ar que não fosse o de Pequim...Portanto...” (TORGA, 2006, p. 49).

Partem para Mongólia, com uma comitiva da Ford, empresa para a qual o Senhor Ventura prestava serviços automecânicos, a fim de levarem um carregamento de veículos para a região. A migração de Pequim para a Mongólia não se materializa através de uma fratura ou mesmo de uma experiência dolorosa de partida, na medida em que o Senhor Ventura não estabelecera ali, neste momento, laço afetivo que provocasse tal estado de coisas; o oposto, partir (novamente) é uma decisão conscientemente muito bem acertada.

Um profundo sentimento de liberdade é o que podemos perceber das experiências que sucedem na vida do alentejano e de seu amigo-patrício, Pereira. Decidem ficar na Mongólia “e ainda a intimidade das areias que pisava estava longe de lhe entrar no sangue, já ele andava metido em mistérios que tiravam o sono ao do Minho.” (TORGA, 2006, p. 55). O espaço geográfico da Mongólia, – se a compreendemos, efetivamente, enquanto um espaço que sugere, assim como o mar (espaço aquático), liberdade – exerce uma importância central para o transcurso da narrativa, uma vez que lá toma forma uma experiência significativamente importante para a vida do Senhor Ventura: a possibilidade de volta para o lar, para o Portugal já saudoso:

– É capaz de calhar... Eu é que não tenho grandes saudades – justificou-se, sem querer dar o braço a torcer. – Tenho lá os velhotes, é claro... Mas aquilo, francamente, é tudo uma grande porcaria... Em todo o caso, estamos como diz o outro: pobre do pássaro que nasce em ruim ninho... Vou também até lá... E quando me enfastiar, volto. (TORGA, 2006, p. 58)

O Senhor Ventura é um sujeito que, apesar da deserção do serviço militar, mantém em sua personalidade o caráter rijo e compenetrado ao expressar emoções. Voltar para Portugal, muito além do que nos indica a narração, pode até pressupor uma quebra no “chamado das sete partidas”, mas, certamente, constitui-se uma interrupção necessária. Para além, a evidência de que o Senhor Ventura não queria “dar o braço a torcer” reforça aquilo que Tuan (1980) nos fala acerca do amor que o indivíduo pode

manter por um dado lugar, identificado pelo neologismo *topofilia*⁴, aquilo que se verifica no esmiuçar das atitudes e valores que este cidadão português nutre por seu lugar de pertencimento.

4 O CHAMADO DA ÚLTIMA PARTIDA: regresso ao lar e últimas aventuras

Pequim não foi para o Senhor Ventura um lugar de pertença, na medida em que o identificamos com o próprio lar, para o qual direcionamos nossas afetividades. A capital chinesa fora o espaço da ventura, de liberdade. O regresso para lá não representa, portanto, a volta ao lar; talvez, ainda menos que isso, porque volta só, sem a companhia de Pereira, cuja relação esteve, todo o tempo, para além de uma fiel amizade: a relação com o do Minho era, também, uma relação com o vislumbre de uma vida pacata e tranquila, tal qual vivera seus pais e avós, no Portugal então distante, e que, a despeito de todas as impressões adversas que podem nos ocorrer ao longo da narrativa, pertencia-lhe ao íntimo.

[...] E doía-lhe como uma chaga dilacerante a ausência irremediável do amigo. Sem o Senhor Ventura dar por isso, o minhoto tinha-lhe revelado, através de um Portugal em alho, salsa e pimenta, uma existência mansa, corredia, de avós a netos, que lhe parecera então quase absurda, mas que era dele, afinal, como a saliva da boca. (TORGA, 2006, p. 103)

Entretanto, é preciso seguir com a vida e, então, é na boemia da capital chinesa onde o alentejano encontrará Tatiana, mulher com quem casará e terá um filho, de nome Sérgio – a contragosto do de Penedono que o queria nomear António –, é onde constituirá família e um “lar”. O Senhor Ventura, que sempre buscara a liberdade e a vida de agitações, é agora marido e pai, condição que o faz procurar uma maneira mais eficiente de ganhar dinheiro: volta para o negócio de drogas ilegais, agora com a

⁴ Tuan, em sua obra *Topofilia* (1980), assim define este neologismo, que, inclusive, nomeia a obra: “A palavra ‘topofilia’ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.” (TUAN, 1980, p. 107)

produção de heroína. Ao cabo de pouco tempo, seu negócio é denunciado e o alentejano é forçado a pagar ao governo chinês uma multa altíssima e, ainda, ser repatriado.

Para o Senhor Ventura “Eram horas de [...] dar um passeio a Portugal, a ver a mãe, que estava com os pés para a cova, e a refazer a saúde, bastante abalada.” (TORGA, 2006, p. 121). O regresso ao lar, coberto pela realidade da repatriação a qual fora imposto, é ironicamente, um degredo, porque Pequim passara a ser a sua casa, terra que abriga a sua família. Afastar-se disso tudo é, no mais, uma ruptura radical. Contudo, o alentejano, que por muito tempo pertencera ao mundo, novamente pertencerá à sua terra nostálgica, ao seu Alentejo de infância e juventude.

O regresso a Portugal não se dá fora dos limites de uma fratura, o que, em certo aspecto, não nos afasta das reflexões sobre o exílio e o processo de migração, presentes na obra de Said (2008): a partir do momento em que o Senhor Ventura passa a ser pai e constitui, portanto, uma família – apesar das infelicidades do lar, causadas pela relação conflituosa que se estabelece entre ele e Tatiana –, constitui, portanto, um protótipo de lar. Pequim é o lugar onde vive a sua família, seu repatriamento é, em análise, uma fratura incurável (o que se comprova pelo então fim de nosso anti-herói), na medida mesma em que não o acompanham mulher, nem filho, que tornaram para si a capital chinesa o seu *lugar*, a sua *pausa* em movimento.

Tuan, novamente ao refletir sobre o espaço e lugar, conceitos amplamente materializados no plano de experiência humana, é cristalino:

Lugar é uma pausa no movimento. Os animais, incluindo os seres humanos, descansam em uma localidade porque ela atende a certas necessidades biológicas. A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor. A afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes. (TUAN, 1983, p. 153)

Como que numa volta ao mundo, em que o sujeito sempre retorna ao ponto de partida, eis o Senhor Ventura em Portugal, em sua terra. Sem os anseios e as frivolidades típicos da juventude que marca a cada um de nós, o patricio que agora aporta em Lisboa é um ser maduro e de personalidade transformada pelas experiências que vivera até ali. O alentejano repatriado não é o mesmo que partira, bem como não

mais tem a mesma percepção e visão de mundo que os tinha quando de seus vinte anos. O alentejano, por meio da experiência, torna-se muito mais consciente de um destino que lhe é, a um só tempo, íntimo e coletivo.

– O mundo! Que bonito que ele é! E as palavras batiam-lhe nos ouvidos como as ondas pesadas e frescas numa praia sedenta. – O mundo! E também era mundo, afinal, o chão seco e ondulado do seu Alentejo! Também de sobreiros, azinheiras e trigo vivo, a despontar, saía o mesmo abraço infinito! (TORGA, 2006, p. 137)

O Senhor Ventura tinha, porém, a certeza de que não ficaria muito tempo no seu Penedono: esperavam-no, na China, mulher e o filho. Uma peripécia final ocorre e o faz titubear dessa ideia: chega a Portugal, ao passar de alguns anos, Sérgio, seu filho, desacompanhado de sua mãe. O alentejano partirá, enfim, para uma nova ventura, sua última: percorre novamente o caminho das sete partidas para encontrar Tatiana, que gastara toda a fortuna, movido por um sentimento de vingança e ódio. Regressar a Pequim não mais é o sonho da volta para o lar, mas, certamente, a promessa de vingança e inconformidade em relação ao que ocorrera.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Miguel Torga cria uma narrativa venturosamente circular, na qual perpetua um destino: o Senhor Ventura, a despeito do que sente, em seu íntimo, por sua terra natal, estará sempre compelido a uma vida de aventuras e partidas. Sai de Penedono e vai cumprir serviço militar na então cosmopolita Lisboa, de onde pouco depois é transferido a fim de cumprir suas funções militares; Macau abriga as expectativas e a certeza de que não servira para o regimento e a vida regrada do quartel militar. O mar é o local de fuga e onde a calma suscita, em nosso alentejano, a paz com que qualifica sua terra natal. China e Mongólia são os espaços das grandes fraturas.

O Senhor Ventura responde bravamente ao chamado das sete partidas, ainda que isso provoque em seu ser marcas que, certamente, integram o relicário de

experiências que se interpõem na relação que o alentejano manterá com os diversos destinos em que aportou. Trata-se da narrativa de um ser migrante, que se deslocará eternamente por entre os cantos do mundo, em busca de dada aventura insaciável e uma liberdade que pulsa dentro de si. Para o migrante, estar em outras terras, que não a sua terra natal, é sempre uma opção, resultado de uma vontade íntima.

A morte chega ao Senhor Ventura quando este se encontra longe de seu lar, afinal regressara aos destinos antes percorridos para encontrar Tatiana. Entretanto, morrer não representa o fim de um sujeito e/ou de um destino: a morte de nosso alentejano é, antes de tudo, uma ponta de certeza e esperança de que a história há de se repetir e o novo Senhor Ventura que, a navegar por entre os mares de ventura e liberdade, é filho do próprio alentejano, Sérgio, principiante dos mesmos passos que antes percorrera seu pai, “Pastor que foi por onde o Senhor Ventura começou.” (TORGA, 2006, p. 199).

Em última análise, a paisagem do Penedono e todas aquelas que compõem o cenário de aventuras pelas quais nosso alentejano se move são, como se percebe no tecido desta novela, não somente o cenário/espço de onde tomam forma as ações e peripécias do fio narrativo: constituem-se, efetivamente, em lugares e espaços que se ligam à própria existência e a vida dos sujeitos que por eles transitam e que influenciam na organização e estruturação de sua percepção e a atitude que tomam diante do mundo vivente. O Penedono, portanto, e para além da morte, imprime para sempre na alma de Senhor Ventura a sua imagem mais primitiva, imersa em profunda nostalgia.

REFERÊNCIAS

BERARDINELLI, Cleonice. O chamado das “sete partidas”. In: TORGA, Miguel. **O Senhor Ventura**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GULLAR, Ferreira. **Toda poesia**. 19ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TORGA, Miguel. **O Senhor Ventura**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

**“AS SETE PARTIDAS” NO MAPA DO MUNDO: uma leitura da espacialidade
em *O Senhor Ventura***

ABSTRACT: The first press of *O Senhor Ventura* came out in 1943. Structured in three parts which reach out for the reader through a first-person narrator, the narrative allow us to know the life and the adventures of Senhor Ventura, who lives among a mosaic of spaces and places. Senhor Ventura takes on a life marked by the experience of exile, manifested in his relationship with Penedono (Portugal), his *home*. Therefore, this study aims to analyse the spatiality, – under the perspective of exile, an important element in the relation developed between human being-space – according to the Humanistic and Cultural Geography.

KEY WORDS: Space. Exile. Landscape perception.